

# SIMBOLISMO DA GEODIVERSIDADE NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

<https://doi.org/10.4215/rm2024.e23011>

Ferreira, A.C. <sup>a\*</sup> - Travassos, L.E.P. <sup>b</sup> - Gomes, I. <sup>c</sup> - Teixeira, R.C. <sup>d</sup> - Figueiredo, M.A <sup>e</sup> - Rocha, L.C. <sup>f</sup>

(a) Doutor em Geografia

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-0075-7989>. **LATTES:** <http://lattes.cnpq.br/2391124554072009>.

(b) Doutor em Geografia

**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0001-6264-2429>. **LATTES:** <http://lattes.cnpq.br/0578051710573403>.

(c) Doutor em Geografia

**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0002-5897-5084>. **LATTES:** <http://lattes.cnpq.br/1481561191058235>.

(d) Doutor em Geografia

**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0002-9107-0498>. **LATTES:** <http://lattes.cnpq.br/5175996400497848>.

(e) Doutor em Ciências Naturais

**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0003-2682-2021>. **LATTES:** <http://lattes.cnpq.br/0597833107373347>.

(f) Doutor em Geografia

**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0003-0948-0728>. **LATTES:** <http://lattes.cnpq.br/2402953272245335>.

## Article history:

Received 24 March, 2024

Accepted 01 June, 2024

Published 10 June, 2024

## (\*) CORRESPONDING AUTHOR

**Address:** UFF. Av. Gal. Milton Tavares de Souza, s/nº, Campus da Praia Vermelha, Bloco O, Sala 505, Niterói (RJ), Brasil. Tel: (+55 21) 2629-5951

**E-mail:** arloncf@gmail.com

## Resumo

Caso seja feita, ao longo da história evolutiva, uma analogia homem/natureza com os elementos da geodiversidade, surgirão daí processos de ordem simbólica ao ser humano, onde ele constrói uma natureza sacralizada que é revelada em seus cultos, práticas e crenças, onde a natureza torna-se elemento simbólico carregado de significados. Esses elementos da geodiversidade são encontrados em diversos cultos, destacando-se os Indígenas/Xamânicos, a Umbanda, Candomblé, Budismo, Hinduísmo, Cristianismo, entre outros. Em função disso esse artigo foca nos ritos africanos, que representam sua matriz de origem e uma tradição marcada essencialmente pela oralidade (ao contrário das principais religiões monoteístas ocidentais que possuem livros sagrados) e pelo aprendizado religioso direto e por meio da prática cotidiana da religião no terreiro. A análise da geodiversidade e seu uso nessas manifestações religiosas, leva à reflexão de que ainda é necessário reconhecer e divulgar mais intensamente a geodiversidade e seus diversos usos, pois ela nos auxilia e nos oferece uma apreciação, compreensão e interpretação das religiões em uma outra perspectiva, dando mais consistência e autenticidade.

**Palavras-chave:** Religiões Afro-Brasileiras; Geodiversidade; Simbolismo.

## Abstract / Resumen

### SYMBOLISM OF GEODIVERSITY IN AFRO-BRAZILIAN RELIGIONS

If, throughout evolutionary history, an analogy is made between humans and nature using elements of geodiversity, symbolic processes will emerge for human beings. They construct a sacralized nature revealed in their worship, practices, and beliefs, where nature becomes a symbolic element imbued with meaning. These elements of geodiversity are found in various religious traditions, with notable examples being Indigenous/Shamanic practices, Umbanda, Candomblé, Buddhism, Hinduism, and Christianity, among others. As a result, this article focuses on African rituals which represent their original matrix and a tradition primarily marked by orality (in contrast to the main Western monotheistic religions that have sacred texts) and direct religious learning through daily practice in the "terreiro" (the place of worship). The analysis of geodiversity and its use in these religious manifestations leads to the reflection that it is still necessary to recognize and disseminate geodiversity and its various uses more extensively, as it assists us in appreciating understanding and interpreting religions from a different perspective, providing more consistency and authenticity.

**Keywords:** Afro-Brazilian Religions; Geodiversity; Symbolism.

### SIMBOLISMO DE LA GEODIVERSIDAD EN LAS RELIGIONES AFROBRASILEÑAS

Si a lo largo de la historia evolutiva se hace una analogía hombre/naturaleza con los elementos de la geodiversidad, surgirán procesos de orden simbólico para el ser humano, donde construye una naturaleza sagrada que se revela en sus cultos, prácticas y creencias, donde el la naturaleza se convierte en un elemento simbólico cargado de significados. Estos elementos de geodiversidad se encuentran en varios cultos, en particular Indígena/Chamánico, Umbanda, Candomblé, Budismo, Hinduismo, Cristianismo, entre otros. En consecuencia, este artículo se centra en los ritos africanos, que representan su matriz de origen y una tradición marcada esencialmente por la oralidad (a diferencia de las principales religiones monoteístas occidentales que cuentan con libros sagrados) y por el aprendizaje religioso directo y a través de la práctica diaria de la religión en el terreno. El análisis de la geodiversidad y su uso en estas manifestaciones religiosas lleva a la reflexión de que aún es necesario reconocer y difundir más intensamente la geodiversidad y sus diversos usos, ya que nos ayuda y nos ofrece una apreciación, comprensión e interpretación de las religiones desde otra perspectiva, dando más consistencia y autenticidad.

**Palabras-clave:** Religiones Afrobrasileñas; Geodiversidad; Simbolismo.



## INTRODUÇÃO

Ao longo da história entre as sociedades e o meio natural, a luta pela sobrevivência sempre prevaleceu em todas as fases. Apesar do meio natural ser representado, majoritariamente, por elementos biológicos, ele pode ser entendido sob duas vertentes que se relacionam: a Biodiversidade e a Geodiversidade. A Biodiversidade corresponde à diversidade da natureza viva, a Geodiversidade corresponde à variedade de estruturas e materiais que constituem o substrato físico natural, o que suporta a Biodiversidade (MACHADO & AZEVEDO, 2015).

O uso dos elementos da Geodiversidade se torna cada vez mais importante para o desenvolvimento das sociedades. Desde o surgimento dos primeiros hominídeos até a atualidade os recursos minerais sempre foram objeto de atenção e são essenciais para a melhoria da qualidade de vida. Velho (2006) elenca cinco momentos históricos definidos por ele como Geossociais nos quais os povos recorrem à herança geológica de milhões de anos: metal (Idade do Cobre, do Bronze e do Ferro usados como material); Ouro (como moeda); Carvão (como energia); Petróleo (como energia); Minerais radioativos (como energia). Os cinco momentos identificados dispõem temporalmente em progressão geométrica, do mesmo modo que a evolução do consumo de recursos minerais e do crescimento demográfico. O crescente impacto dos seres humanos sobre os processos naturais tem sido então reconhecido e documentado ao longo da história da civilização (RUCHKYS et al., 2020).

A relação do homem com a natureza e com os elementos da Geodiversidade, fez surgir processos subjetivos de ordem simbólica ao ser humano, fazendo ele construir uma imagem sagrada da natureza. Inicialmente, esses processos naturais necessários para sobrevivência humana eram entendidos como graça, como verdadeiras dádivas divinas (NAVES & BERNARDES, 2014), depois esses diferentes elementos, ambientes, paisagens e seus respectivos usos tornam-se carregados de simbolismo e significados, sendo essa relação homem/natureza o pilar para a fundação de muitas crenças religiosas.

Esse simbolismo é um elemento representativo (realidade visível) que está em lugar de algo (realidade invisível), podendo ser um objeto ou ideia. Assim, diversos elementos da Geodiversidade estão imbuídos de significado simbólico em diferentes tradições religiosas, para exemplificar podemos citar cultos Indígenas/Xamânicos, a Umbanda, Candomblé, Omolocô, Budismo, Hinduísmo, Islamismo, Cristianismo, entre outros. Embora existam símbolos que são reconhecidos internacionalmente, outros só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou contexto religioso.

O caminho para a propagação dos valores religiosos e culturais pode ser transmitido por diferentes maneiras. As três grandes religiões monoteístas – Cristianismo, Judaísmo e Islamismo – possuem textos sagrados (Bíblia Cristã, Torá e Alcorão), conforme destacado por Sales (2010). Diferente das religiões acima, as religiões Afro-brasileiras não possuem uma tradição escrita marcada por um livro sagrado. As religiões tratadas neste artigo possuem uma origem comum, nos ritos africanos, que representam sua matriz de origem e uma tradição marcada essencialmente pela oralidade e pelo aprendizado religioso direto e por meio da prática cotidiana da religião no terreiro. Por esse fato, para discutir a representatividade nas religiões Afro-brasileiras, foram utilizadas diversas referências bibliográficas que perpetuam seus preceitos, ensinamentos, práticas, mitos e rituais. Daí a importância de analisarmos os significados e os usos que essas religiões apresentam para a Geodiversidade, o que também nos leva a discutir o caráter preservacionista das mesmas.

## RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Reconstruir o processo histórico de formação das religiões Afro-brasileiras não é uma tarefa fácil, devido aos diferentes fatores. Por ser uma religião originária de segmentos marginalizados em nossa sociedade (como negros, índios e pessoas de baixa renda em geral) e perseguidos durante muito tempo, há poucos documentos ou registros sobre elas. Por ter práticas doutrinárias, estabelecidas e transmitidas oralmente, não tem nelas livros sagrados (como a Bíblia ou as obras de codificação do Espiritismo, por exemplo) que registrem sua doutrina de forma unificada ou sua história (SILVA, 2005; CARNEIRO, 2014). A História tem sido feita, portanto, quase que anonimamente, sem registros escritos, no interior dos inúmeros terreiros fundados ao longo do tempo. As práticas Afro-brasileiras, que cultuam os orixás e outras divindades foram iniciadas no Brasil a partir de meados do século XVI por africanos

escravizados durante o processo de colonização. As etnias negras vítimas do processo de escravização buscavam reconstruir no Novo Mundo os antigos sistemas de relações sociais, bem como reelaboram sua identidade social e religiosa sob condições adversas da escravidão e posteriormente do desamparo social, tendo como referência as matrizes religiosas.

Em terras brasileiras os povos africanos criaram um mundo Afro-brasileiro como ressignificação e recriação de valores variadas adaptações da religiosidade e resistência para a perpetuação de sua cultura (FERREIRA FILHO, 2008). As recriações religiosas foram acontecendo no decorrer do tempo, a cultura dos povos Bantos e Sudaneses foram deixando as suas marcas em nossa história, e em menor escala a dos povos Malês. Ramos (1943) afirma que os Bantos correspondem aos povos mais ocidentais, atualmente correspondem aos países da Angola, Zâmbia, Namíbia, Botsuana, África do Sul, Lesoto, Congo, Malauí, Zimbábue, Moçambique e sul da Tanzânia. Espalharam-se por todo o litoral brasileiro, mas permaneceram em maior número em Minas Gerais e Goiás. Sua vinda teve início em fins do século XVI até o fim do século XIX, ou seja, foram os primeiros a chegar. As tribos Sudanesas constituem os povos que hoje correspondem às regiões do sul do Egito, Chade, Sudão, Etiópia, Uganda, Nigéria, Camarões, Gana, Togo, Benin e do Quênia até o norte da Tanzânia. Chegaram ao Brasil em meados do século XVIII até a metade do século XIX. Hoje são conhecidos popularmente como Iorubás ou Jejes-nagô (devido à mescla de suas culturas religiosas). Estão subdivididos em etnias: Ijexá, Egbá, os Jejes (Ewe e Fon) e os Fanti-achantis (SILVA, 1994; PRANDI, 2000). Já os povos Malês, de acordo com Silveira (2010), são uma denominação genérica atribuída a várias etnias africanas, sobretudo da porção norte do continente, que chegaram ao Brasil na condição de escravizados, adeptos de preceitos islâmicos. Destaque para os Haussás e os Mandingas.

As religiões Afro-brasileiras recebem nomes diferentes dependendo do lugar e do modelo de seus tiros. Na Bahia, há grande concentração de praticantes do Candomblé; no Rio de Janeiro da Umbanda; no Amazonas o Babassuê e o Batuque; no Maranhão, o Terecô, o Tambor de Mina e o Tambor de Nagô; em Pernambuco o Xangô; no Rio Grande do Sul o Batuque e a Quimbanda, o que evidencia as permanências e transformações africanas nas religiões Afro-brasileiras (Figura 01). Porém, os mais conhecidos são a Umbanda e o Candomblé, que são encontrados por todo o território nacional.

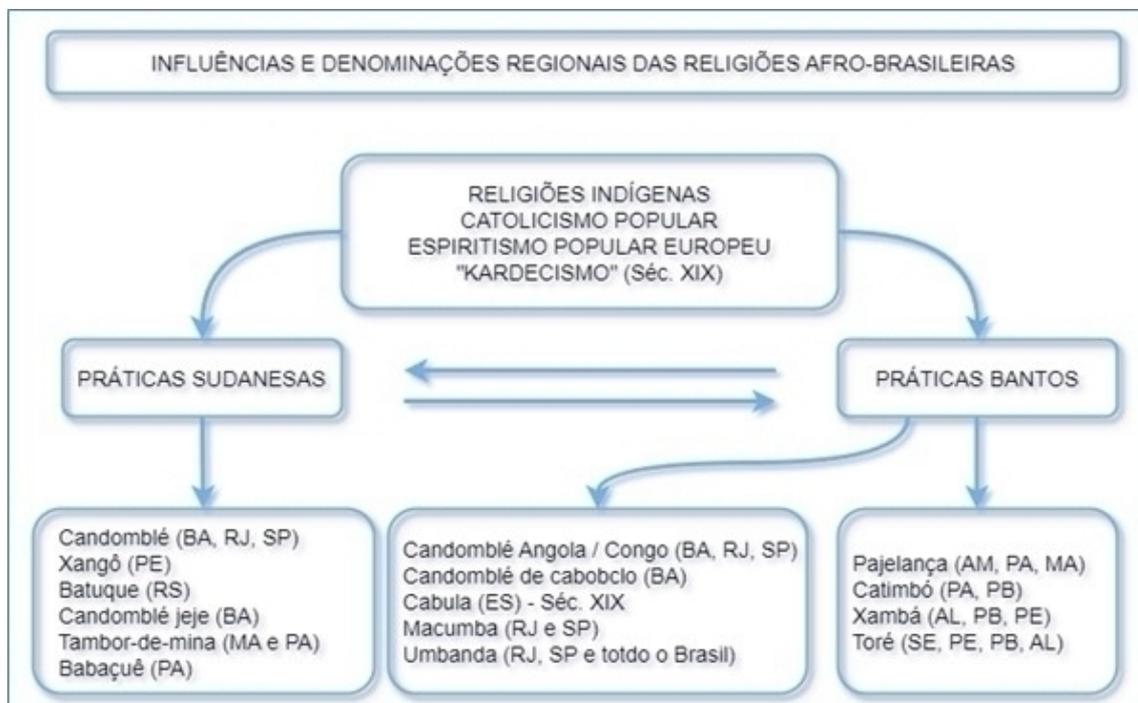


Figura 1 – Influências e denominações regionais das religiões Afro-brasileiras. Fonte: Adaptado de Silva (2017).

O Candomblé é estruturado a partir da reunião de africanos de distintas origens, organiza-se em torno da constituição de famílias de santos cuja figura central é o pai (Babalorixá) ou a mãe (Yalorixá) de santo, e que compartilham uma mesma energia essencial denominado axé (asé), decorrente dos orixás, que a emanam dos seus domínios na natureza aos filhos da Terra. Em cada terreiro ocorrem os cultos aos orixás, que ao mesmo tempo ancestrais míticos, forças e elementos da natureza, e também energias que habitam e compõem os corpos dos religiosos iniciados. Há ainda um Deus supremo, Olodumare ou Olorum, criador do mundo, dos orixás e de todas as coisas.

A Umbanda é composta a partir do Candomblé, do Espiritismo, das Mitologias Indígenas e do Catolicismo Popular. Apesar dos esforços contrários, cada tenda apresenta práticas diversas. De modo geral, os umbandistas acreditam na existência de um Deus único chamado Olorum e nos demais orixás, muitas vezes identificados com santos católicos; em guias espirituais (ciganos, pretos-velhos, caboclos, exus, Pombagiras etc.); na reencarnação; na lei de causa e efeito relativa às ações na Terra e na evolução espiritual.

Apesar de serem religiões Afro-brasileiras, o Candomblé e a Umbanda apresentam semelhanças e diferenças, conforme descrito na tabela 01.

O que o Candomblé e a Umbanda têm em comum	Em que o Candomblé e a Umbanda diferem
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ São encontrados principalmente no Brasil;</li> <li>✓ Os seus adeptos acreditam em orixás, que se assemelham a santos;</li> <li>✓ Têm os elementos sincréticos, misturando várias culturas e religiões;</li> <li>✓ Há nelas uma influência muito perceptível de religiões africanas;</li> <li>✓ É quase impossível compilar uma visão abrangente ou codificada, pois suas práticas ritualísticas diferem de terreiro para terreiro;</li> <li>✓ Não têm ensinamentos escritos oficialmente, tudo é transmitido apenas oralmente e de forma complementar através de textos escritos por líderes espirituais.</li> <li>✓ Devido à ausência de centralização oficial, é difícil criar um modelo universal;</li> <li>✓ Os rituais deles acontecem nos templos chamados, no Candomblé de Ilê, Barracão ou Roça. Na Umbanda, as designações habituais são Terreiros, Tenda, Cabana, Choupada, genericamente de terreiros, que devem rememorar os templos na África. O espaço ritualístico tem a mesma função para ambos;</li> <li>✓ Durante os rituais podem acontecer estados de consciência alterada, tais como a incorporação (frequente na Umbanda) ou um transe com o orixá (no Candomblé);</li> <li>✓ Durante os rituais veste-se, em geral, a roupa branca, ou outra vinculada à tradição específica;</li> <li>✓ O ritual é pautado pela dança e música.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O Candomblé é mais velho e mais próximo dos rituais africanos;</li> <li>✓ Embora ambas as religiões sejam sincréticas, pode-se dizer que o Candomblé adere de maneira mais firme e fiel às suas tradições africanas;</li> <li>✓ Ao contrário do Candomblé, a Umbanda não consiste tanto no desenvolvimento da cultura, quanto na absorção de elementos;</li> <li>✓ No Candomblé, os orixás se manifestam de dentro para fora, ou seja, a energia dos orixás vive em cada um de nós e se manifesta por sua visibilidade;</li> <li>✓ Na Umbanda, o espírito encarna de fora para dentro, ou seja, o nosso corpo recebe um espírito de fora, que não faz parte da nossa essência original;</li> <li>✓ O terreiro não tem altar no Candomblé;</li> <li>✓ No Candomblé, uma das maneiras de se comunicar com os orixás é um sistema profético chamado Merindilogum (“Jogo de Búzios”);</li> <li>✓ Cada um deles tem nomes diferentes para os seus líderes espirituais;</li> <li>✓ A Umbanda absorveu muitos elementos do Candomblé;</li> <li>✓ A Umbanda é menos influenciada pela tradição africana, mas uma maior influência poder ser observada de outras tradições (Espiritismo, Cristianismo, mas também de tradições orientais).</li> </ul>

Tabela 1 - Diferenças e semelhanças entre o Candomblé e a Umbanda. Fonte: Adaptado de Saraiva (2010).

Outra informação importante que difere essas duas frentes diz respeito à incorporação. No Candomblé, considera que as divindades, ou seja, os Orixás incorporam nos médiuns. Na Umbanda, quem incorpora nos médiuns, são Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, entre outros, que são os falangeiros dos Orixás, representantes deles, e não os próprios (AZEVEDO, 2008). Independente das semelhanças ou diferenças, as religiões Afro-brasileiras têm uma grande particularidade, a representação do mundo através das forças da natureza.

Além disso, há virtudes diretamente ecológicas, guardadas no interior das narrativas dos Orixás, sendo elas: 1) as religiões Afro-brasileiras já eram ecológicas bem antes dos movimentos ecológicos, uma vez que a reverência aos elementos da natureza, corporificados nos Orixás, constitui o âmago da

sua experiência religiosa; 2) as religiões Afro-brasileiras são intrinsecamente preservacionistas, já que nelas os espaços naturais (rios, matas, cachoeiras e outros) constituem locais sagrados e de culto tão importante quanto os templos (terreiros e roças); 3) a perspectiva ecológica constitui uma das heranças da tradição africana preservadas nestas religiões; 4) seguir a sabedoria ecológica dos ancestrais, preservando os elementos naturais que tem relação com algum orixá; 5) agir com livre arbítrio e virtude, educando para o uso sustentável dos recursos naturais. Assim, as religiões Afro-brasileiras prestam serviços relevantes ao testemunhar e ensinar virtudes morais e ecológicas (MAÇANEIRO, 2011; SANTOS & GONÇALVES, 2011).

## A IMPORTÂNCIA DA NATUREZA PARA AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

As religiões Afro-brasileiras são reconhecidas como religiões de matriz da natureza, pois para elas o meio natural possui uma importância central. Para elas, a natureza é um espaço sagrado, de comunhão entre o mundo espiritual e o material, que deve ser respeitado e cuidado. Os Orixás, entendidos com as forças da natureza, estão presentes em seus espaços e elementos sagrados, como rios (Oxum), mares (Iemanjá), matas (Oxóssi), vento (Iansã), pedreiras (Xangô), entre outros.

No processo de compreensão dessa importância, torna-se fundamental o conhecimento de sua mitologia, pautada no culto de divindades, essencial para o entendimento de sua mitologia, pautada no culto de divindades, essencialmente para o entendimento dos rituais praticados e de sua ligação com a natureza. De acordo com Verger (1981, p.9), a religião dos Orixás está profundamente conectada à ideia de família, compreendida como um grupo extenso descendente de um ancestral comum, incluindo tanto os vivos quanto os mortos. Inicialmente, um Orixá é visto como um ancestral divinizado que, em sua vida, estabeleceu laços que lhe conferiam controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces e salgadas, ou a habilidade de realizar determinadas atividades como a caça, o trabalho com metais, ou o conhecimento das propriedades e usos das plantas. Após sua morte, o Orixá, dotado do poder do axé, teria a capacidade de se manifestar temporariamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão que ele provoca.

Por meio de Reginaldo Prandi (2005) percebe-se a relação entre os Orixás e a natureza pode ser concebida na perspectiva de que a maioria desses espíritos da natureza passaram a ser cultuados como divindades, que portadores do poder sobre o mundo natural, se manifestando em fenômenos, tais como o trovão, o raio e a fertilidade da terra. Outros orixás recebem cultos como protetores de montanhas, cursos d'água, árvores e florestas. Cada rio, assim tinha seu espírito próprio, com o qual se confundia, construindo-se em suas margens os locais de adoração, nada mais que o sítio onde eram deixadas as oferendas. Um rio pode correr calmamente pelas planícies ou precipita-se em quedas e corredeiras, oferecer calma travessia a vau, mas também mostrar pleno de traiçoeiras armadilhas, sem uma benfazeja fonte de alimentação piscosa, mas igualmente afogar em suas águas os que nelas se banham. Esses atributos do rio, que o torna ao mesmo tempo provedor e destruidor, passaram a ser também, o de sua divindade guardiã (PRANDI, 2005, p. 102-103).

Assim, os Orixás são concebidos enquanto entidades imanentes – presentes nos diferentes domínios naturais dos quais são guardiões – e expressam os atributos de uma natureza sacralizada (NASCIMENTO, 2020). A partir do momento em que se conhece a força de cada ponto da natureza, desenvolve-se uma visão diferente em relação ao meio ambiente, pois é impossível olhar para um ecossistema e não enaltecer os encantos e a diversidade de divindades ali presentes. Por exemplo, o ar de Oxalá, as pedreiras de Xangô, o mar azul é de Iemanjá, os rios e cachoeiras de Oxum, as chuvas de Iansã, entre outros. Os Orixás no panteão das religiões Afro-brasileiras seriam uma reprodução dos elementos naturais (PRANDO, 2001; BRAGA, SANTOS & LOPES, 2017; MARQUES, 2017).

## ORIXÁS E NATUREZA

Na aurora de sua civilização, o povo africano mais tarde conhecido pelo nome de Iorubá, chamado de Nagô no Brasil e Lucumi em Cuba, acreditava que as forças sobrenaturais impessoais, espíritos, ou entidades estavam presentes ou corporificados em objetos e forças da natureza. Tementes

dos perigos da natureza que punham em risco constante a vida humana, perigo que eles não podiam controlar, esses antigos africanos ofereciam sacrificios para aplacar a fúria dessas forças, doando sua própria comida como tributo que selava um pacto de submissão e proteção e que sedimenta as relações de lealdade e filiação entre os homens e os espíritos da natureza (PRANDI, 2005).

Com o passar dos tempos estes espíritos passaram a ser cultuados como Orixás, que em tradução livre significa a divindade que habita a cabeça (em Iorubá, ori é cabeça, enquanto xá, rei, divindade) (BARBOSA JÚNIOR, 2011), responsáveis pelo controle e governo do mundo natural como: trovão, o raio e a fertilidade da terra, enquanto outros foram cultuados como guardiões de montanhas, cursos d'água, árvores e florestas. Cada elemento natural está ligado a um Orixá, através de sítios de pertencimento, que possuem características próprias. Uma energia mística, que por sua vez tem um local específico para ser cultuado e adorado (MELO, 2007).

Os Iorubás e outros povos aparentados veneravam, por sua vez, várias divindades: os Orixás, divindades da natureza [...] que, depois de sua deificação foram assimilados a ancestrais fundadores de dinastias. Elas intermediam entre os homens eo Deus criador (PRIORI & VENÂNCIO, 2004, p. 26).

Saraceni (2003), relata sobre a relação dos Orixás com a natureza:

[...] a partir da natureza, nós encontramos os Orixás nos próprios processos genésicos criadores de Deus, fato este que justifica os cultos nos santuários naturais (rios, mar, pedreira, tempo, etc.). Tudo o que há de visível na criação de Deus é a concretização ou materialização do que não podemos ver, pois existe em uma dimensão e realidade anterior ao nosso plano material. [...] Iemanjá não pe a água do mar. Mas, esta é a concretização em nível físico ou material de sua energia fatorial geradora que desencadeia todos os processos genéticos, já que só a água tem esse poder (SARACENI, 2003, p. 32-33).

Essa compreensão e mentalidade foram transportadas para o Brasil e materializadas especificamente nos terreiros, que (re)vivenciam essas experiências e fenômenos a partir da releitura de mitos e ritos que garantem o bem estar da comunidade. Essas referências à natureza, ocorrem em locais que lembram as antigas ligações, como as festas de Iemanjá junto ao mar, como as oferendas feitas na água corrente, na lagoa, no mato, na pedreira, na estrada, etc., de acordo com o Orixá a que se destinam. E, é nesse sentido, que se deve compreender a relação dos terreiros com a natureza, como uma natureza mítico-religiosa, transcendental, que está presente na composição de todos os homens, pois, ela pode aparecer tanto sob a forma de fenômenos como na forma de um Orixá, enfim “a religião dos Orixás é a voz da natureza” (MARTINS & MARINHO, 2002).

## ORIXÁS E GEODIVERSIDADE

Como vimos no tópico anterior, a associação dos Orixás (Tabela 02) (Figura 02) os elementos da natureza assumem uma importante significação quando analisada em um contexto ecológico. Como consequência desta visão de mundo, o espaço natural torna-se sagrado, repleto de poderes místicos, de crenças que os rodeiam, de mitos e lendas que revestem estes espaços com uma aura de mistério (LÉO NETO & ALVES, 2010). Cada divindade tem sua marca, explicitada nas cores, objetos, cânticos, na culinária e na natureza e recebe homenagens por meio de cânticos, rezas, oferendas e reclusão. Neste universo, tanto os elementos bióticos, quanto os abióticos têm o seu valor e simbolismo, tanto na doutrina quanto na prática de diversos rituais.

Em termos de valores religiosos associados à Biodiversidade, podemos destacar as matas, florestas, animais, árvores e plantas medicinais que são usadas para sacudimentos, defumações, sacrificios, banhos, além de serem utilizados nos cultos e entregas de oferendas. Em relação à Geodiversidade, podemos destacar diversos elementos que são pontos de força de Orixás.

A seguir, abordamos os Orixás mais cultuados, na Umbanda e no Candomblé, com suas respectivas peculiaridades, além de destacar os elementos naturais, com uma ênfase maior na caracterização da Geodiversidade e seus interesses.

Orixá	Descrição	Metais/Pedras	Pontos de força na natureza
<b>Ewá (Euá)</b>	Divindade do rio Yema, também conhecida como Iva Wa, considerada a dona do mundo e dos horizontes, ligados às águas e por vezes, associada à fertilidade. É a senhora dos cosmos, da mata virgem.	Os metais que podem ser imantados com sua energia são o Cobre, o Ouro e a Prata.	O ponto de força regido pelo Orixá é a linha do horizonte, recebendo entregas e oferendas em rios e lagos.
<b>Exu</b>	Um Orixá bastante controverso e de difícil compreensão o que, certamente, levou-o a ser identificado com o diabo cristão. Responsável pelo transporte das oferendas aos Orixás e também pela comunicação dos mesmos é, portanto, seu intermediário. Responsável pela vigia e guarda das passagens, é aquele que abre e fecha caminhos. Na Umbanda, Exu não é tratado como Orixá e sim, entidade espiritual.	Quanto aos metais ele reage ao Ferro. Suas pedras preciosas geralmente são Granada, Ônix, Turmalina Negra e Rubi.	A relação de Exu com a natureza está associada diretamente à própria natureza humana, pois os seres humanos são partes integrantes do planeta.
<b>Ogum</b>	Orixá que deu aos homens o segredo do ferro, da forja e da agricultura. Mas por seu temperamento explosivo, sempre esteve envolvido em guerras e batalhas, sempre trazendo um rico espólio. Ogum emite vibrações positivas e equilibra energias relacionadas à virilidade, aos caminhos, às estradas e às viagens, também assuntos relacionados com sua produtividade e coisas que devem “caminhar”, prosperar.	Ogum é o responsável pelo minerais, tendo o Ferro, Aço e Manganês seu principal componente místico. As pedras que recebem irradiações são o Rubi, a Granada e o Sárdio, tanto que, esculpidas e polidas, são usadas para fazer firmas para fechar fios e guias.	Seus pontos de força são os campos abertos, mas a beira de um caminho que o atravessa. Segundo diversas crenças religiosas, Ogum também tem domínio espiritual sobre os caminhos em geral, o centro das encruzilhadas e a via férrea.
<b>Oxóssi</b>	Orixá da caça é chamado muitas vezes de Odé Wawá, ou seja, caçados do céu. É a divindade da fartura, da abundância, da prosperidade. Dentro do culto, ele é o caçador do axé, aquele que busca as coisas boas para uma casa-de-santo, aquele que caça as boas influências e as energias positivas. Enquanto caçador, ensina o equilíbrio ecológico e não o aspecto predatório da relação do homem com a natureza, a concentração, a determinação e a paciência necessária para a vida ao ar livre. Rege a lavoura e a agricultura.	Os metais que podem ser imantados com sua energia são o Bronze, e o Latão. As pedras que recebem suas irradiações são a Amazonita, Esmeralda, Calcita Verde, Jaspé e Topázio.	Seus pontos de força são as matas (Oxóssi habita as matas e as pradarias, os lugares onde se possa caçar e a caça seja abundante e saudável) e seu altar são os bosques.
<b>Ossaim</b>	Também conhecido como <i>Ossãe</i> ou <i>Ossanha</i> , em alguns terreiros/tendas é cultuado como <i>Iobá</i> (Orixá Feminino). Orixá das plantas e das folhas, presentes nas mais diversas manifestações do culto aos Orixás, é, portanto, fundamental juntamente com Oxóssi, rege as florestas e é senhor dos segredos medicinais e místico do verde. Representa a sabedoria milenar pré-civilizatória, a relação simbólica do homem com a natureza, em especial com o verde.	Os metais que podem ser imantados com sua energia são o Estanho e o Latão. As pedras que recebem suas irradiações são a Amazonita, Esmeralda, Morganita e Turmalina Verde e Rosa.	Seu ponto de força na natureza são as clareiras das matas.
<b>Oxumaré</b>	Orixá símbolo da riqueza, da continuidade e da permanência. Oxumaré é o arquétipo das pessoas pacientes e perseverantes nos seus empreendimentos e que não medem sacrifícios para atingir seus objetivos. Tem uma grande ligação com os elementos da Geodiversidade, visto que foi esse Orixá que desenhou vales e rios, rastejando mundo afora.	O metal que pode ser imantado com sua energia é o Latão. Suas pedras são Agata, Diamante, Esmeralda e Topázio.	O seu ponto de força da natureza, se localiza em áreas próximas a cachoeiras e sua relação com a natureza se dá por meio da chuva, da água presente em estado gasoso e do arco-íris.
<b>Obaluaê/Omolu</b>	É o senhor das pestes, das moléstias, contagiosas ou não. É o rei da Terra, do interior da Terra e é o Orixá que cobre o rosto com o filá (de palha-da-costa), por que aos humanos é proibido ver seu rosto, pela deformação feita pela doença e pelo respeito que devemos a este Orixá. Tem uma grande influência em elementos de interesse pedológico, visto que a decomposição das rochas formando os solos (terra) é o seu campo de atuação.	Os metais, ele reage ao Chumbo. Suas pedras preciosas são a Obsidiana, Olho-de-Gato e Ônix.	Seu ponto de energia são os cemitérios e na natureza são as grutas e praias.
<b>Naná</b>	A mais velha das senhoras da água e, conseqüentemente, a mais experiente e amorosa dos Orixás. É, ao mesmo tempo, ponderada e intransigente. É também muito ciosa e possessiva, qualidade esta que transmite aos seus filhos de fé. Tem diversos pontos de energia com elementos da Geodiversidade, pois a lama, os pântanos e demais redutos com águas paradas são seus campos de atuação, também respondendo pelo intemperismo químico das rochas e por todas as formas de argilas contidas na superfície terrestre.	Quanto aos metais, ela reage ao Latão e ao Níquel. Suas pedras preciosas são a Ametista, Cacozenita e Tanzanita.	Seus pontos de força são cemitérios e na natureza são águas profundas, lama, lagos e pântanos.
<b>Logum Edé</b>	Vive metade do ano nas águas (como mulher) e a outra metade no mato (como homem). Príncipe dos Orixás, combina astúcia dos caçadores com a paciência dos pescadores.	Quanto aos metais, ela reage ao Latão e Ouro. Suas pedras preciosas são a Turquesa e Topázio.	Seus pontos de força na natureza compreendem barrancos, beira de rios, vapor fino sobre as lagoas que se espalham pela mata, nos dias quentes. Vivências plenamente os dois reinos, o das águas e das matas.

Tabela 2 (Parte 1) - Relação dos Orixás com os elementos naturais, especialmente com os da Geodiversidade. Fonte: Compilado de Abimbola (1997); Azevedo (2010); Barbosa Júnior (2011); Martins (2014); Ferreira (2016); Trindade; Linhares; Costa (2018); Saraceni (2018).

<b>Oxum</b>	Orixá feminino, da fertilidade, ligado ao rio Oxogbô, em Ojexá (Nigéria). Tem uma grande relação com a Geodiversidade, pois é a senhora das águas doces dos rios, das águas paradas das lagoas não pantanosas, das cachoeiras e, algumas qualidades e situações, também, da beira mar.	Quanto aos metais, ela reage bem ao Ouro e tem como pedras preciosas o Topázio Azul e Amarelo.	Tem como ponto de força os rios e as cachoeiras.
<b>Obá</b>	Orixá guerreira, senhora do rio Obá, na Nigéria. Na natureza, Obá está ligada às enchentes, às cheias dos rios, às inundações. É ela que vai reger todos esses fenômenos, sejam naturais ou provocados por erros humanos. Seu encantamento é feito desta forma, quando um rio transborda, inundando tudo.	Reage bem ao Cobre e tem com opedras preciosas o Coral, Esmeralda, Marfim e Olho-de-Leopardo.	Na natureza tem sua regência nos movimentos constantes das águas doces, principalmente dos rios e das cachoeiras revoltas e seus pontos de força são nas lagoas dentro das matas.
<b>Oyá/Lansã</b>	Orixá guerreira dos ventos, das tempestades, dos trovões e também, dos espíritos desencamados, conduzindo-os para outros planos. Ela vive no bambuzal, onde os espíritos se escondem e onde seu vento ecoa entre as cascas secas que caem dos bambus. Ela faz arquear os altíssimos galhos do bambuzal.	Suas pedras preciosas favoritas são o Coral Vermelho, Comalina, Granada, Rubi e Quartzo Rosa, sendo que o metal de sua regência é o Cobre.	Na natureza está presente no movimento atmosférico, o relâmpago, sendo o vento seu maior ponto de atuação e seu ponto de força é o bambuzal.
<b>Xangô</b>	Um dos Orixás mais populares do Brasil, provavelmente por ter sido a primeira divindade a chegar às terras brasileiras, com os escravos. Orixá da justiça, representa a decisão, a justiça (que não deve ser confundida com vingança). Xangô é o articulador, político, presente na vida pública. Tem uma grande afinidade com os elementos da Geodiversidade, pois está presente na consolidação da litosfera, sendo a rocha (pedra) seu maior símbolo. Ele habita as pedreiras, as grutas de pedras, os redutos da natureza contento rochas e fogo, bem como os vulcões.	Suas pesras preciosas são o Jaspe, Meteorito e Pirita. Ele reage aos metais Estanho, Cobre e Molibdênio.	Suas entregas devem ser realizadas em um sopé de montanha ou em uma pedreira.
<b>Iemanjá</b>	Na África está associada à água doce e sua flúência com o mar pela foz. No Brasil a relação de Iemanjá com o mar é marado pelo domínio que exerce com a vida marinha e sua complexidade. Profetora dos pescadores e jangadeiro, suas festas são muito populares no país, tanto no Candomblé, quanto na Umbanda. Ela é senhora de diversos elementos da Geodiversidade, entre eles as praias, as grutas submarinas e as reentrâncias da baía.	Suas pedras preciosas mais energéticas são a Água-Marinha, Calcedônia, Lápis-Lazúli, Pérola e Turquesa. Os metais que podem ser imantados com a energia da Platina e a Prata.	Suas oferendas devem ser entregues nas praias, em frente ao mar.
<b>Ibejis</b>	Formado por duas entidades distintas, indicam a contradição, os opostos que se complementam. Tudo o que se inicia estão associados aos Ibejis, responsáveis em zelar pelo parto e pela infância, bem como a promoção do amor e da união.	Sua pedra preciosa é o Quartzo Rosa.	Seus pontos na natureza são cachoeiras, jardins, matas e praias.
<b>Iroko</b>	Na Nigéria, este Orixá é cultuado em uma árvore do mesmo nome, substituída no Brasil pela Gameleira-Branca, que apresenta características semelhantes às da árvore africana, Iroko fi a primeira árvore plantada e pela qual todos os Orixás desceram à terra.	-	É a própria representação da dimensão tempo, pois não tem um ponto de energia na natureza. Assim, sua energia se configura no ciclo de dias e noites que formam o tempo.
<b>Onilé</b>	A dona da Terra, o Orixá que representa nosso planeta como um todo, o mundo que vivemos. Para muitos seguidores das religiões Afro-brasileiras, interessados em recuperar a relação Orixá/Natureza, o culto de Onilé representaria, assim, a preocupação com a preservação da própria humanidade e de tudo que há em seu mundo.	-	Seu assentamento se dá em elementos de interesse pedológico, pois é feito num montículo de terra vermelha e acredita-se que guarda o planeta e tudo que há sobre ele, protegendo o mundo em que vivemos e possibilitando a própria vida.
<b>Oxalá</b>	É o primeiro Orixá, criado por Olorum. Oxalá é o arquétipo das pessoas calmas e dignas de confiança. Pessoas respeitáveis e reservada, dotadas de força de vontade inquebrantável. Quando invocado, emite vibrações que estão relacionadas aos mais elevados poderes espirituais, justamente por isto ele pe indicado para qualquer tipo de assunto, demanda ou necessidade.	Suas pedras preciosas são bmacas, leitosas, exceto pelo Quartzo-Branco (símbolo da pureza natural) e do Diamante, a substância mais dura do planeta. Tem como metal precioso o Ouro.	Ele habita em diversos elementos da Geodiversidade, como, topos de montanhas. Tem como características lugares calmos, onde a quietude inunda os seres que por ali passam, como uma praia deserta ou uma colina descampada.

Tabela 2 (Parte 2)- Relação dos Orixás com os elementos naturais, especialmente com os da Geodiversidade. Fonte: Compilado de Abimbola (1997); Azevedo (2010); Barbosa Júnior (2011); Martins (2014); Ferreira (2016); Trindade; Linhares; Costa (2018); Saraceni (2018).



Figura 2 – Ilustrações dos principais Orixás cultuados nas religiões Afro-brasileiras. Fonte: Lana – CCXP 12 (2020).

Essa parte do trabalho remete às entidades abarcadas dentro da Umbanda. Como na Umbanda o que se incorpora é o Falangeiro (ou seja, trabalhador espiritual a serviço do Orixá) um ser que está na linha desse Orixá. Alguns os chamam de Encantados, outros de Eguns-de-Santo (espíritos desencarnados que servem aos Orixás), outros por sua vez reconhecem neles a força dos espíritos ancestrais. Tradicionalmente, na Umbanda, eles são chamados Guias, que são espíritos que se tornaram responsáveis pela orientação espiritual e doutrinária da Umbanda. São aqueles que atuam sob uma determinada linha de trabalho que, por sua vez, está ligado diretamente a um Orixá. Essas entidades são espíritos desencarnados de ancestrais que podem ser incorporadas por médiuns durante os cultos, podendo ser descritos com tipos populares pertencentes à realidade social brasileira. Essas entidades, também recebem e têm os seus pontos de força em elementos da Biodiversidade e Geodiversidade, sendo iguais às dos Orixás que os regem.

A seguir, algumas entidades mais cultuadas nos terreiros de Umbanda:

1- Pretos-Velhos: a característica mais famosa e sempre citada dos Pretos-Velhos é a vasta sabedoria que têm. Com uma linguagem simples e direta, esses espíritos, arquétipos de negros escravizados oferecem orientações e apontam o caminho para situações aparentemente sem solução;

2- Caboclos: os caboclos são espíritos que representam ancestrais indígenas, dada a sua origem, as entidades desse grupo se destacaram por serem grandes conselheiros e pela forte ligação com a natureza;

3- Baianos: espíritos descontraídos, dotados de grande energia positiva, os baianos são conhecidos

por serem bons de prosa e bem sinceros e representam os sertanejos;

4- Boiadeiros: diferentemente dos baianos, os boiadeiros não são de falar muito, porém são bondosos, justos e muito corajosos. Simbolizam o homem do campo, o interiorano;

5- Malandros: uma das entidades mais populares dessa linha é o Zé Pelintra, tido como seu espírito chefe ou superior. Os malandros são os espíritos dos marginalizados pela sociedade. É o patrono dos bares e da vida noturna.

6-Pombagira: as Pombagiras são entidades de mulheres que, quando vivas, lutaram contra a opressão e o sofrimento imposto a elas. São entidades protetoras das mulheres e representam a não submissão ao masculino.

7- Marinheiros: também chamados de marujos, os marinheiros são associados às águas e são responsáveis pela limpeza completa: mental, espiritual e física e descarrego. Seu trabalho se caracteriza pela elevada alegria e descontração;

8- Ciganos: essas entidades são guias espirituais que gostam de ajudar as pessoas transformando suas vidas por meio do amor, da união e da fraternidade sempre com a força e alegria. Apesar do nome, não há ligação direta com povos ciganos espalhados pelo mundo, senão a ligação arquetípica;

9- Erês: são espíritos dotados de elevada pureza, de crianças ou não, mas com manifestações em atitude infantilizada; por isso é bom esperar alguma travessura de vez em quando dessas entidades. Afinal, adoram rir e brincar. Do lado mais sério, trabalham oferecendo conforto e consolo para mães e pais aflitos e com suas brincadeiras são aptos ao desmanche de feitiços;

10- Orientais: linha bastante eclética, reunindo espíritos cuja vibração energética e doutrina correspondem a diversas etnias e culturas, agregando hindus, tibetanos, médicos, cientistas, islâmicos, etc. Trabalham sobretudo os tópicos ligados à sabedoria, autoconhecimento e equilíbrio emocional e psicológico;

11- Cangaceiros: incorporados mais recentemente aos tiros umbandistas representam os homens e mulheres que lutavam pela justiça social e rompimento das amarras de dominação impostas por forças políticas no imenso interior brasileiro, sobretudo nordestino. Assim, guarda forte ligação com a prática da justiça.

Com a finalidade de contextualizar e exemplificar a importância da natureza para as religiões Afro-brasileiras, nas figuras abaixo (Figura 03) demonstram os pontos escolhidos que primam o contato com a natureza e seus elementos (pedreiras, cursos d'água, cavidades) que oportunizaram a aproximação à vibração dos Orixás e seus Falangeiros. Esses trabalhos, firmezas e oferendas, revelam a relação da religião com os elementos da Geodiversidade, configurando-se como manifestações intangíveis.

Analisando os Orixás e tendo como referência os elementos abióticos, é perceptível a forte relação desses com a formação da Terra e domínio de alguns elementos ligados à composição natural do planeta. Esses locais de forte campo vibratório parecem simples, porém não podem ser esquecidas as complexidades inerentes a esse amplo panteão de Orixás, que, ao longo da história africana, e posteriormente brasileira, passaram por adaptações e amálgamas oriundos da miscigenação ocorrida entre vários grupos étnicos. Devido à miscigenação entre os diversos povos africanos, principalmente aqui no Brasil, não existe um senso comum em relação ao número exato de divindades que formam o panteão africano dos Orixás (VERGER, 2002).

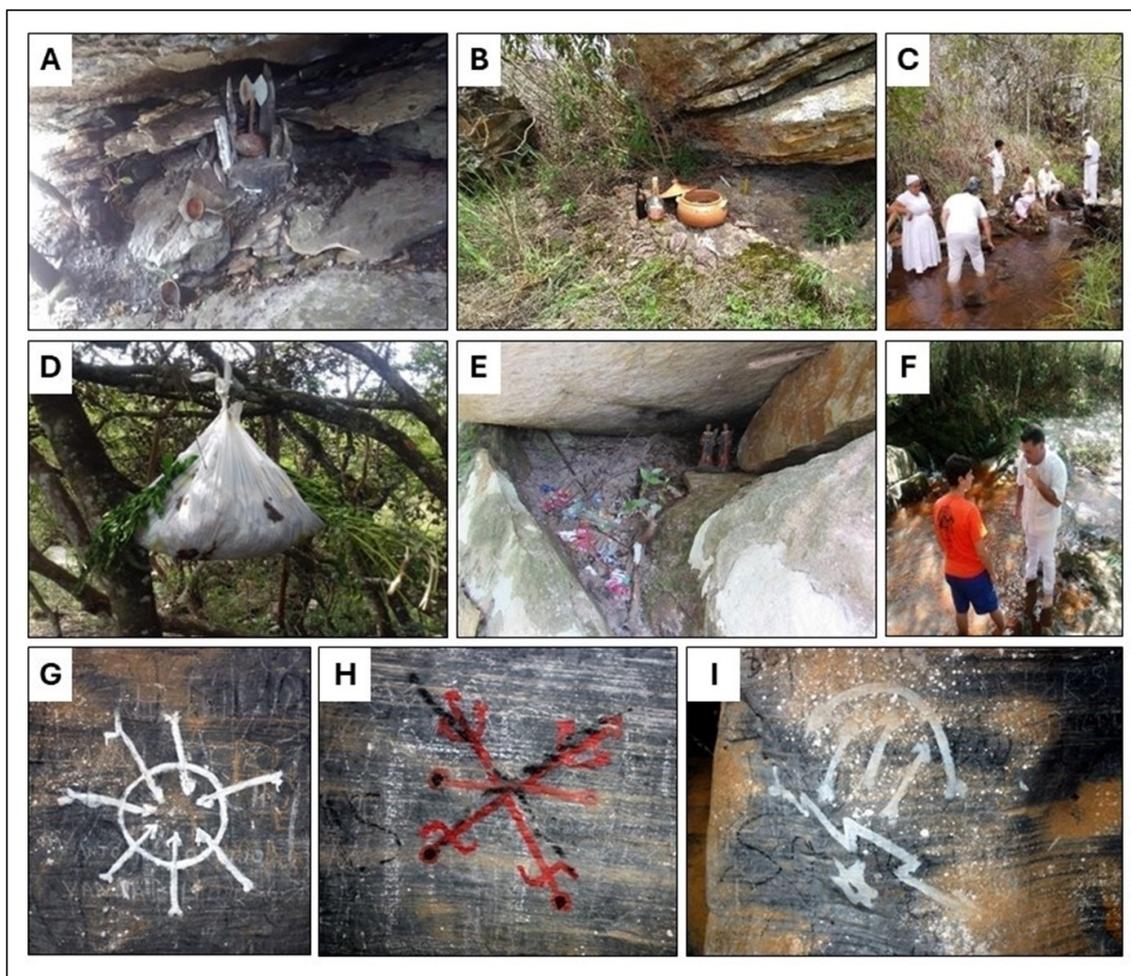


Figura 3 – Imagens de oferendas aos principais Orixás cultuados nas religiões Afro-brasileiras. a) Firmeza de Xangô encontrada em cavidade natural; b) Oferenda a Xangô em um afloramento; c) Ebó, prática candomblecista, despachada em um córrego; e) Ponto de firmeza dos erês (guias de crianças) com oferenda de balas e pirulitos, contendo uma imagem de São Cosme e Damião; f) Celebrações umbandistas realizadas em cursos d'água; g-h-i) "pontos riscados" são símbolos sagrados desenhados no chão ou em outras superfícies, geralmente com pó de pomba (um tipo de giz) ou outros materiais, durante cerimônias e rituais. Esses pontos representam entidades espirituais, pedidos de proteção, invocações de orixás e conexões com o mundo espiritual. Fonte: Autores.

## SIMBOLISMO DA GEODIVERSIDADE NOS PONTOS CANTADOS

Nos rituais de religiões Afro-brasileiras, a música desempenha um papel muito importante, tendo múltiplas funções. Estes rituais utilizam, em sua prática, os pontos cantados (“zuelas” ou “curimbas”). Os pontos cantados são versos musicais acompanhados por instrumentos de percussão (sobretudo atabaques; complementarmente: agogô, berimbau, pandeiro). Essas canções, servem para que o Orixá entre em sintonia com o seu médium (BENISTE, 2002; SANTOS, 2014). Nesses cantos e rezas de invocação aos Orixás entoados nas celebrações, nota-se a relação deste com a natureza e a súplica do homem por esta. As cantigas retratam os seus feitos, suas passagens pela terra. Cada Orixá e suas entidades possuem uma cantiga específica para ser cultuado, e em cada uma delas são invocados seus poderes e suas características.

Por serem preces musicais que atraem as forças da natureza, muitas vezes têm elementos da Geodiversidade exemplificados em suas letras, principalmente nos pontos cantados de Orixás que têm

relação direta com esses elementos. Abaixo, alguns pontos cantados com destaque para elementos da Geodiversidade.

PONTO CANTADO DE XANGÔ	PONTO CANTADO DE IANSÃ	PONTO CANTADO DE OXUM
<p><u>Pedra rolou Xangô</u>  <u>Lá na pedreira</u>  <u>Segura a pedra meu Pai</u>  <u>Na cachoeira</u>            Tenho o meu corpo fechado            Xangô é meu protetor            Firma seu ponto meu pai</p> <p>Pai de cabeça chegou</p> <p><u>Xangô, ele é rei da pedreira</u>  <u>Rei da pedreira ele é o rei de Umbanda</u>            Xangô ele é o nosso Pai            E filhos de Xangô            Bambeia, mas não cai [...]</p> <p>[...] <u>Pedra rolou pra Xangô</u>  <u>Lá nas pedreiras</u>            Afirma o ponto meu pai  <u>Na cachoeira</u>  <u>Pedra Rolou pra Xangô</u>  <u>Lá nas pedreiras</u>            Afirma o ponto meu pai  <u>Na cachoeira</u></p>	<p>[...] Iansã tem um leque de penas            Pra abanar em dia de calor            Iansã tem um leque de pens            Pra abanar em dia de calor  <u>Iansã mora nas pedreiras</u>            Quero ver meu pai Xangô  <u>Iansã mora nas pedreiras</u>            Eu quero ver meu pai Xangô [...]</p> <p><b>PONTO CANTADO DE IEMANJÁ</b></p> <p>[...] <u>Eu fui à praia saudar Iemanjá</u>            E vi mãe sereia no fundo do mar            Linda, <i>aruê</i>, linda <i>aruá</i>            Rainha das ondas, sereia do mar            Linda <i>aruê</i>, linda <i>aruá</i>            Rainha das ondas</p>	<p><u>Eu vi mamãe Oxum nas cachoeiras</u>  <u>Sentada na beira do rio</u>  <u>Eu vi mamãe Oxum nas cachoeiras</u>  <u>Sentada na beira do rio</u>            Colhendo lírio, lírio li            Colhendo lírio, lírio lá [...]</p> <p>[...] <u>Estava no alto das pedreiras</u>  <u>Olhando as cachoeiras, mas matas</u>  <u>e o mar</u>            Iemanjá estava arrumando seu            vestido            Xangô lhe deu um grito            Oxum vai levantar [...]  <u>[...] Na cachoeira, eu vi, eu vi,</u>  <u>Rainha da cachoeira, eu vi, eu vi</u>  <u>Mamãe Oxum, abençoando seus</u>  <u>filhos, lá na cachoeira</u></p>

Assim, como outras ações, os pontos cantados demonstraram, além de poemas de caráter mitológico e/ou épico que rememoram os feitos das divindades, a importância e o significado dos elementos da Geodiversidade.

## CONCLUSÕES

A dicotomia aparente entre ciência e religião frequentemente os coloca em polos opostos, como se fossem irreconciliáveis. Não é incomum que busquem anular-se mutuamente. No entanto, embora mantenham significados específicos distintos, esses termos podem, na verdade, ser complementares. Embora muitas vezes sejam percebidos e discutidos de maneira dicotomizada, o interesse acadêmico em explorar as interações entre ciências e religião permanecem relevante e estimulante.

Mesmo diante da aparente dicotomia entre ciência e religião, é imperativo promover o esclarecimento e aprofundamento dos estudos que abordam esses campos. Um exemplo particularmente fascinante é a investigação dos rituais das religiões afro-brasileiras e sua relação com a história oral e a geodiversidade. Na tradição das religiões Afro-brasileiras, a geodiversidade desempenham um papel significativo, pois elementos da natureza abiótica são considerados manifestações tangíveis do sagrado, revelando mistérios relacionados aos Orixás e Entidades venerados. Locais como pedreira, vales, cachoeiras, rios e minerais são imbuídos de profundo simbolismo e significado, integrando-se ao universo ritualístico. Por meio da história oral, podemos acessar narrativas ancestrais que conferem uma compreensão mais profunda da relação entre esses elementos geológicos e a espiritualidade das religiões Afro-brasileiras. Essas narrativas não apenas enriquecem nossa compreensão das práticas religiosas, mas também evidenciam a interconexão entre seres humanos, natureza e divindades.

A investigação da Geodiversidade e sua relação com as práticas religiosas, como abordagem pela Geoteologia (FERREIRA et al., 2022), instiga à reflexão sobre a importância de reconhecer e promover mais amplamente a Geodiversidade e suas múltiplas aplicações, através dessa lente, podemos apreciar, compreender e interpretar as expressões religiosas de uma maneira diferente, proporcionando maior solidez e autenticidade. A Geodiversidade, ao ser considerada o palco da revelação divina, oferece uma perspectiva única que enriquece nossa compreensão das religiões e suas práticas.

## AGRADECIMENTOS

CAPES e FAPERJ pela bolsa de doutorado do primeiro autor e ao CNPq pela bolsa de produtividade em pesquisa do segundo autor.

## REFERÊNCIAS

- ABIMBOLA, W. *Ifá Will Mend our Broken World: Thoughts on Yoruba Religion and Culture in Africa and the Diaspora*. Massachusetts: Aim Books, 1997.
- AZEVEDO, J. *Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- AZEVEDO, J. *Orixás na Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
- BARBOSA JÚNIOR, A. *Curso Essencial de Umbanda*. São Paulo: Editora Universo dos Livros, 2011.
- BENISTE, J. *As águas de Oxalá: (àwon omi Ósàlá)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRAGA, S. M.; SANTOS, L. S.; LOPES, A. R. M. *Mitologia dos Orixás: mostra artística interdisciplinar envolvendo alunos de Licenciatura*. Revista FAEEBA, v. 26, n. 48, p. 223-239, 2017.
- CARNEIRO, J. L. *Religiões afro-brasileiras: Uma construção teológica*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- FERREIRA, A. C.; VALLEJO, L. R.; ROCHA, L. C.; AZEVEDO, U. R.; TRAVASSOS, L. E. P.; TEIXEIRA, R. C. *Cults, Practices and Beliefs: the Symbolism of Geodiversity in Christianity*. Sociedade & Natureza, v. 34, p. 1-24, 2022.
- FERREIRA, C. B. “Isso é coisa da macumba?” *Elaboração de um material pedagógico de História sobre as religiosidades afro-brasileiras em museus do Rio de Janeiro*. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Humanidades) – Faculdade de formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo.
- FERREIRA FILHO, A. J. *Resistir, ressignificar e recriar escravidão e a reinvenção da África no Brasil – séculos XVI e XVII*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL: POLÍTICA, GESTÃO E EDUCAÇÃO, I, Anais... Ituiutaba. 2008.
- LANA – CCXP 22. *Ilustração de Orixás*. Disponível em: <https://twitter.com/lanaflowerz/status/1232665525186187265>. Acesso em: 27 set. 2022.
- LÉO NETO, N. A.; ALVES, R. R. N. *A natureza sagrada do candomblé: Análise da construção mística acerca da natureza em terreiros de candomblé no nordeste do Brasil*. Interciência, v. 35, n. 8, p. 568-574, 2010.
- MAÇANEIRO, M. *Religiões & Ecologia: cosmovisão, valores, tarefas*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MACHADO, M. M. M.; AZEVEDO, U. R. *Essa tal geodiversidade*. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 22, n. 1-2, p. 182-193, 2015.
- MARQUES, F. C. A. *Algumas considerações sobre Umbanda e Candomblé no Brasil*. Revista Contemplação, n. 15, p. 82-99, 2017.
- MARTINS, C.; MARINHO, R. *Iroco: O Orixá da árvore e a Árvore Orixá*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- MARTINS, G. *Umbanda e Meio Ambiente. Ações Sustentáveis e Novos Paradigmas*. São Paulo: Ícone, 2014.
- MELO, E. *Dos terreiros de candomblé: à natureza afro-religiosa*. Último Andar, v. 16, p. 27-36, 2007.
- NASCIMENTO, A. C. Z. “Avante, Filho de Fé”: *A Umbanda e suas Práticas Ritualísticas*. 2020. 101 f. Mestrado (Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável) - Universidade Federal do Paraná, Matinhos.

- NAVES, J. G.; BERNARDES, M. B. A relação histórica Homem/Natureza e sua importância para construção de ambientes saudáveis. *Geosul*, v. 29, n. 57, p. 7-26, 2014.
- PRANDI, R. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. *Revista USP*, n. 46, p. 52-65, 2000.
- PRANDI, R. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 223-238, 2005.
- PRANDI, R. *Segredos Guardados: orixás na alma brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2005.
- PRIORI, M. D.; VENANCIO, R. P. *Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- RAMOS, A. *Antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.
- RUCHKYS, U. A., et al. Applying geoethics to the context of mining ferruginous geosystems: case studies from the tailing dam breaks in Fundão and Córrego do Feijão, Minas Gerais – Brazil. *Episodes*, v. 43, n. 4, p. 981-990, 2020.
- SALES, A. S. A Importância das Religiões de Matriz Africana, para preservação do Meio-Ambiente Urbano. *Inovação e Tecnologia*, v. 1, n. 1, p. 9-15, 2010.
- SANTOS, M. C. Ponto Cantado, encantando o ponto: Clara Nunes, na interpretação dos cânticos de umbanda e candomblé na vida musical brasileira. 2014. 134 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Santa Catarina, Florianópolis.
- SANTOS, R. O.; GONÇALVES, A. G. B. A Natureza e Seus Significados entre adeptos das religiões afro-brasileiras. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 3, n. 9, p. 1-16, 2011.
- SARACENI, R. *Umbanda Sagrada: religião, ciência, magia e mistérios*. São Paulo. Ed. Madras, 2003.
- SARACENI, R. *Rituais umbandistas: oferendas, firmezas e assentamentos*. São Paulo: Madras Editora, 2018.
- SARAIVA, C. Afro-Brazilian religions in Portugal: bruxos, priests and pais de santo. *Etnográfica*, v.14, n. 2, p. 265-288, 2010.
- SILVA, V. G. *Religião e Identidade Cultura Negra: Afro-Brasileiros, Católicos e Evangélicos*. *Revista Afro-Ásia*, n. 56, p. 83-128, 2017.
- SILVA, V. G. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2005.
- SILVA, V. G. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- SILVEIRA, H. A. A. Não somos filhos sem pais: história e teologia do Batuque no Rio Grande do Sul. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdade EST, São Leopoldo.
- TRINDADE, D. F.; LINHARES, R. A.; COSTA, W. V. *Os Orixás na Umbanda e no Candomblé*. São Paulo: Madras, 2018.
- VELHO, J. L. *Os recursos minerais: uma visão geo-histórica*. Braga: Palimage, 2006.
- VERGER, P. *Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo*. São Paulo: Corrupio, 1981.
- VERGER, P. F. *Orixás: deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 2002.

### Afiliação dos Autores

Ferreira, A.C. - Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), Brasil.  
Travassos, L.E.P. - Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG), Brasil.  
Gomes, I. - Professor da Universidade Federal de São João del Rei, São João del-Rei (MG), Brasil.  
Teixeira, R.C. - Professor da Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG), Brasil.  
Figueiredo, M.A - Professor da Universidade Federal de São João del Rei, São João del-Rei (MG), Brasil.  
Rocha, L.C. - Professor da Universidade Federal de São João del Rei, São João del-Rei (MG), Brasil.

### Contribuição dos Autores

Ferreira, A.C. - O autor contribuiu para a elaboração, realização e manipulação dos dados e redação  
Travassos, L.E.P. - O autor contribuiu para a elaboração, realização e manipulação dos dados e redação  
Gomes, I. - O autor contribuiu para a elaboração, realização e manipulação dos dados e redação  
Teixeira, R.C. - O autor contribuiu para a elaboração, realização e manipulação dos dados e redação  
Figueiredo, M.A - O autor contribuiu para a elaboração, realização e manipulação dos dados e redação  
Rocha, L.C. - O autor contribuiu para a elaboração, realização e manipulação dos dados e redação

### Editores Responsáveis

Alexandra Maria Oliveira  
Alexandre Queiroz Pereira